

Ao iniciar estudos sobre a história da mulher, em 1976, uma das preocupações da Sociologia, da Psicologia, da Antropologia e da Lingüística consistia em procurar a visibilidade da outra, essa mulher que desaparecia principalmente na História, subentendida de trás do masculino universal, o Homem. 1975, o ano universal da mulher na ONU, focalizara esta questão desencadeada pela nova onda de feminismo. Com a entrada das mulheres na Universidade, muitas delas adquiriram instrumentos e criaram métodos adequados para desenvolver estudos interdisciplinares sobre o tema, com reflexos no Trabalho, no Direito, na Saúde, nas Relações Interpessoais. Apesar de sua expansão, os núcleos espalhados pelo país permanecem à sombra das questões “menores”, disfarçados sob outros nomes ou ainda vistos como um “modismo” ultrapassado. O fato dessa “outra” constituir a maioria da população do globo nunca impediu que houvesse retrocessos em sua valorização como objeto de estudo, e igualmente em sua remuneração.

¹ SCHUETZ, Alfred. *The Stranger. The American Journal of Sociology*, XLIX (1944), 499-507.

Em meados da década de 70 um artigo de Alfred Schuetz me forneceu apoio teórico para estudar a visibilidade da mulher.¹ Até então, os trabalhos históricos brasileiros consideravam unicamente a existência de senhoras portuguesas brancas abastadas e de escravas africanas. O trabalho de pesquisa sistemática e crítica dos livros dos viajantes estrangeiros revelou toda uma escala social de brancas, negras e índias, como também pôs em cheque o que era ser brasileira, durante o século da formação da nacionalidade.

Esse ensaio de Psicologia Social de um autor austríaco, exilado nos Estados Unidos, escrito em 1944, aprofundou o que era “o de fora” ou “o estrangeiro”. Schuetz trata do padrão cultural, dos valores, instituições e sistemas de orientação da vida cotidiana, como hábitos, costumes, etiqueta e moda que caracterizam um grupo social, num dado momento. De fora do grupo tenta observar, descrever e classificar o mundo social da maneira mais clara possível, em termos bem organizados, de acordo com ideais científicos de coerência, consistência e consequência analítica. Os de dentro do grupo tratam dessas coisas simplesmente como possibilidades de ação, e não como objetos de pensamento. As coisas são como sempre foram e se aprendeu em casa, na escola e no trabalho.

Para o de fora, essas suposições básicas não existem. Precisa indagar sobre tudo o que parece indubitável para os membros do grupo. Como recém-chegado continua excluído das experiências passadas do grupo. É um homem sem história. Isso lhe dá tanto mais objetividade, quanto uma lealdade duvidosa. A objetividade vem de um sentimento de incoerência e inconsistência dos padrões culturais dos outros.

Essas reflexões permitiram uma aproximação crítica dos viajantes estrangeiros, que escreveram sobre o Brasil, entre 1803 e 1900. Como europeus e norte-americanos, eram capazes de observar as diferentes mulheres realmente encontradas e, ao contrário dos estudiosos brasileiros, analisar e interpretar seus encontros em comparação com seus padrões culturais de origem.

Com isso, foi possível resgatar mulheres viajantes francesas, inglesas, de língua alemã, espanholas, belgas com livros publicados, e discernir mulheres brancas, negras e índias com diferentes posições e atividades, das estudadas até então.

Afora a visibilidade e proporções menos deformadas da população, foi possível acompanhar o que era mulher brasileira, através de 170 viajantes que as mencionaram. Até 1808, brasileiras eram as mulheres indígenas. A partir de então, eram as diversas mestiças, sendo as brancas consideradas portuguesas, lembrando-se que muitas das africanas sequer eram vistas como mulheres (seres humanos). A partir da proibição do tráfico de

escravos, em 1850, muitos foram os viajantes que descreveram condições econômicas e raciais incompreensíveis a seus olhos.

Apesar das limitações e mal entendidos das interpretações de um território mal conhecido, os livros de viagem é que informaram o mundo sobre o Brasil e o próprio Brasil aos brasileiros. A vantagem do estudo de um século de literatura de viagem, passada pelo crivo crítico dos dados biobibliográficos dos autores, foi ter a possibilidade de aprofundar as reflexões dos mesmos sobre seus colegas, de acordo não só quanto a sua formação cultural, como também ao estágio científico a que se filiavam.

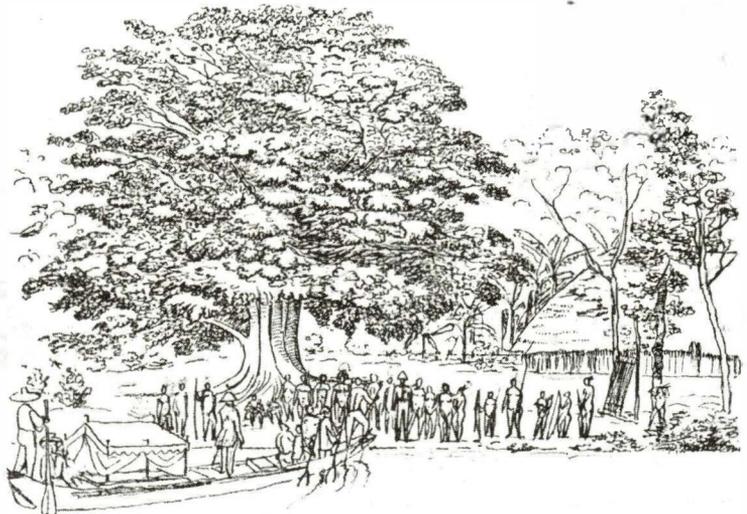
O caso da austríaca Ida Ryer Pfeiffer (1797-1858) é expressivo.² Dona de casa vienense, mãe de dois filhos, aos quarenta e cinco anos, realizou seus sonhos infantis de ver o mundo. Antes estudou sistematicamente e com obstinação os nomes dos rios e das montanhas e os meridianos e paralelos traçados. Depois de muitos cálculos e preparativos secretos, partiu em 1842 para quinze anos de peregrinações pelo mundo, intercalados por retornos a Viena, para descrever suas aventuras e preparar a viagem seguinte. Levava apenas um saco e uma bolsa mais carregada de cartas de recomendação que de dinheiro. A frugalidade e a resistência levaram a viajante mais longe que a coragem e a curiosidade. Suportava o frio e o calor com a mesma roupa preta comprida e fechada até o pescoço, cheia do pudor das mulheres de meia idade do século XIX. Andou de barco, piroga, mula, camelo, elefante, palanquim semanas a fio. Ao ser advertida dos obstáculos à viagem proposta, respondia que embora fosse mulher e idosa, não tinha preconceitos e superstições. Enfrentou bandidos e conspirações, febres, insetos, exaustão, temperaturas e umidade extremadas. Expressava os valores da vida cotidiana dos pequenos negociantes austríacos de meados do século XIX: um culto ao trabalho e à família, desprezo pela sensualidade, repugnância pela sexualidade, confiança no progresso e no cristianismo e horrorizava-se com a feiúra, a indecência e o fanatismo dos outros povos. Indignou-se com a sujeira dos índios da América mas sentiu-se acolhida amavelmente pelos Dayaks de Borneu que, sem exuberância nem curiosidade excessiva, forneceram-lhe amavelmente insetos para a sua criação. Quanto às mulheres que ficavam com os seios à mostra, apreciou o fato de que mantinham os olhos baixos e trabalhavam o dia inteiro. Acabou morrendo em consequência da febre de Madagascar, mas seus livros lhe conquistaram o título de membro honorário da Sociedade de Geografia de Paris, Berlim e da Sociedade de Zoologia de Berlim e Amsterdã.

Voltando ao exame do olhar do outro, é possível dizer que as comparações entre a vida cotidiana das mulheres encontradas nas viagens e as dificuldades da mulher pobre européia acabaram sendo mais reveladoras desta última, que daquelas.

² PFEIFFER, Ida. *Voyage d'une femme autour du monde*. Traduit de l'allemand avec l'autorisation de l'auteur par W. de Suckau. Paris: Librairie de I. Hachette, 1858.

Hercules Florence (1804-1879) – um dos desenhistas da expedição de George Heinrich Langsdorff, na *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1824 a 1829*, deixou entre seus desenhos tomados ao natural, um encontro do chefe de sua expedição com os Apicacás.³ Para o encontro, o Barão envergou o fardamento de gala. Em nota, o tradutor do francês para o português do diário de Florence, o Visconde de Taunay, sugere que talvez já fosse um indício das perturbações mentais decorrentes da malária, que interromperiam as atividades do Barão. É possível contudo, que o senso de hierarquia do Barão exigisse dele a farda adequada para um encontro com o chefe da tribo. Este exemplo deixa bem claro o terreno pantanoso em que nos encontramos, ao tratar do olhar do outro.

³ FLORENCE, Hercules. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução do Visconde de Taunay. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1941.



Encontro do Sr. de Langsdorff com os Apicacás registrado por Hercules Florence.

Langsdorff (1774-1852) médico, diplomata e naturalista, foi capaz de deixar em seu diário de 1824 estas observações:⁴

⁴ LANGSDORFF, George H. *Diários do Rio de Janeiro e Minas Gerais (1824-1825)*. Tradução de Boris Komissaroff. Campinas, Rio de Janeiro: Associação Internacional de Estudos Langsdorff/Unicamp; Instituto Oswaldo Cruz, 1998, vol. I.

Muitas vezes admirei-me em ver o quanto se conseguiu fazer nas fazendas [do interior de Minas Gerais] com tão poucos escravos. Eu não conseguia entender, pois também procuro manter meu pessoal trabalhando com eficiência. Mas finalmente descobri o motivo: quando se pergunta o número de escravos, aqui consideram-se só os homens, ou seja, aqueles que trabalham na roça ou no campo. As mulheres são todas empregadas na casa e nos afazeres domésticos como, por exemplo, levar o milho para a moenda, cozinhar milho, a comida para os porcos, ocupar-se da comida, da roupa, fiar

e tecer algodão, espalhar o feijão, cozinhar doce, fazer farinha de milho, dar comida às galinhas.

Revelara então um viés machista da invisibilidade das mulheres, que viciou as estatísticas e em alguns casos continuam viciando números considerados oficiais.

O encontro de viajantes com índios também inspirou ao outro desenhista da Expedição Langsdorff – Moritz Rugendas (1802-1858) – na *Viagem Pitoresca através do Brasil*, um desenho muito divulgado acerca do “olhar do outro”.⁵ Nele aparecem os elementos mais marcantes dos primeiros encontros entre europeus e habitantes da América – a vegetação tropical e a nudez de homens, mulheres e crianças. A curiosidade de uns e outros manifesta-se pela aproximação, dos europeus vestidos, enchapelados e montados, dos homens, enquanto as mulheres arredias, ocultam-se e escondem os filhos por trás das árvores, de onde procuram espiar aqueles seres estranhos.

⁵ RUGENDAS, João Maurício. *Viagem Pitoresca através do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins, 1949.



Encontro de viajantes europeus com índios brasileiros registrado por Moritz Rugendas.

Um caso excepcional é o livro de Ina von Binzer, que já teve três edições da tradução para o português.⁶ Essa escritora alemã, que vem para o Brasil como governanta de 1881 a 1884, explícita que a convivência na intimidade das famílias brasileiras, permite uma observação mais nítida da vida nesse país que aos outros europeus que mal se afastam das cidades marítimas. Nas trinta e sete cartas escritas à colega, ao lado do bom humor dos relatos de suas desditas educacionais, reflete sobre a sua formação e idéias européias em comparações agudas com os hábitos e paradoxos

⁶ Von BINZER. Ina. *Alegrias e Tristezas de uma Educadora Alemã no Brasil*. Tradução de Alice Rossi e Luisita da Gama Cerqueira. São Paulo: Anhembi, 1956.

incompreensíveis para o europeu meditando nos escravos como pessoas humanas, infelizes que “até depois de mortos eram enxotados do convívio dos outros mortais.” Ina von Binzer escreveu um dos primeiros livros sobre a história da família brasileira.

Já o encontro de Karl von den Steinen (1855-1929) com os índios Bacairi em 1887, é o encontro de um psiquiatra, que se tornou notável etnógrafo, com tribos ainda sem contato com os brancos.

... uma bela e longa canoa de cortiça seca dirigiu-se diretamente para a nossa miserável embarcação torta, barrada com cera, consertada com barro, lavada interiormente com água suja; – francamente, parecia que éramos nós que entrávamos numa zona de maior cultura, embora o nobre barqueiro usasse somente uma corda em torno da cintura, e embora ele trouxesse consigo, dentro da canoa, apenas um arco com as respectivas flechas, bem trabalhadas e enfeitadas com penas, ao lado duma cabaça cheia de mel. Havia contudo um visível contraste entre aquela figura elegante e asseada que vinha deslizando ao nosso encontro, e nós, emissários da civilização, esfarrapados ao lado da cortiça encharcada e podre, que nos servia de embarcação. Assim mesmo, o recém-chegado mostrava visivelmente, pela expressão de seu rosto, que ele também nos admirava.

E não se portou como um índio taciturno e melancólico cuja alma (como eu julgava, baseando-me no que aprendera na escola), refletisse o ambiente monótono e deprimente das florestas tropicais. Ria e conversava com Antônio, seu irmão de tribo, como si se tivesse criado numa região próspera da zona temperada.⁷

Embora Karl von den Steinen já seja considerado dos etnógrafos viajantes aquele que apresentou o habitante primitivo das selvas brasileiras como ele é, procurando compreender e explicar as causas de qualidades e falhas, ainda estava preso a um determinismo geográfico e a outros preconceitos científicos da época.

Com todos os resultados positivos que o estudo do olhar do outro pôde proporcionar para as Ciências Humanas, trata-se de uma questão da maior complexidade e que precisa ser examinada sob diversos ângulos.

⁷ Von den STEINEN, Karl. *Entre os Aborígenes do Brasil Central*. Trad. de Egon Schaden. São Paulo: Revista do Arquivo Municipal de Cultura, 1940. p. 76 e 77.

Miriam Lifchitz Moreira Leite é historiadora e professora aposentada da Universidade de São Paulo.